

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

# JENNY HAN E SIOBHAN VIVIAN

GAROTAS CRESCIDAS NÃO CHORAM...  
ELAS ACERTAM AS CONTAS.

OLHO  
POR  
OLHO



## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*

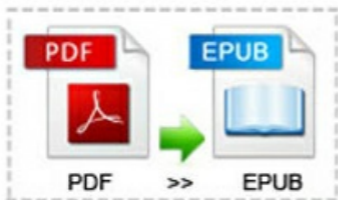


# Índice

Para pular o índice clique: [AQUI](#)

- CAPA
- FORMATAÇÃO
- FOLHA DE ROSTO
- TÍTULO
- CRÉDITOS
- DEDICATÓRIA
- MARY
- LILLIA
- KAT
- UMA SEMANA MAIS TARDE
- Capítulo 1 - LILLIA
- Capítulo 2 - KAT
- Capítulo 3 - MARY
- Capítulo 4 - LILLIA
- Capítulo 5 - MARY
- Capítulo 6 - LILLIA
- Capítulo 7 - MARY
- Capítulo 8 - LILLIA
- Capítulo 9 - KAT
- Capítulo 10 - MARY
- Capítulo 11 - LILLIA
- Capítulo 12 - MARY
- Capítulo 13 - KAT
- Capítulo 14 - LILLIA
- Capítulo 15 - MARY
- Capítulo 16 - LILLIA
- Capítulo 17 - KAT
- Capítulo 18 - LILLIA
- Capítulo 19 - MARY
- Capítulo 20 - KAT
- Capítulo 21 - LILLIA
- Capítulo 22 - MARY

- Capítulo 23 - KAT
- Capítulo 24 - MARY
- Capítulo 25 - KAT
- Capítulo 26 - LILLIA
- Capítulo 27 - KAT
- Capítulo 28 - MARY
- Capítulo 29 - KAT
- Capítulo 30 - LILLIA
- Capítulo 31 - MARY
- Capítulo 32 - LILLIA
- Capítulo 33 - MARY
- Capítulo 34 - LILLIA
- Capítulo 35 - KAT
- Capítulo 36 - LILLIA
- Capítulo 37 - MARY
- Capítulo 38 - LILLIA
- Capítulo 39 - KAT
- Capítulo 40 - MARY
- Capítulo 41 - LILLIA
- Capítulo 42 - KAT
- AGRADECIMENTOS
- NOTAS DO TRADUTOR



# Conversão & Formatação



JÚLIO CESAR

facebook

<https://www.facebook.com/julioacwmacieli>

julioacwmacieli@gmail.com

(Quem gostou desta formatação, me adicione como amigo no Facebook e veja todos os Títulos que tenho disponível)

- Geralmente faço formatações de Livros que ainda não estão no mercado, nos formatos EPUB/MOBI -

# O L H O P O R O L H O

Tradução Sylvio Deutsch





**Novo Conceito**

JENNY HAN

SIOBHAN VIVIAN

Garotas crecidas não choram.

Elas aceitam as contas.

Tradução

Sylvio Deutsch

Publicado sob acordo com Lenart Sane Agency AB.

Título original: Burn for Burn

Copyright © 2012 by Jenny Han e Siobhan Vivian

Copyright © 2013 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2013

Produção Editorial:

Equipe Novo Conceito

Capa Original: Lucy Ruth Cummins

Imagem de capa: Anna Wolf

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Han, Jenny

Olho por olho / Jenny Han, Siobhan Vivian; tradução Sylvio Monteiro Deutsch. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: Burn for burn.

ISBN 978-85-8163-302-2

I. Ficção norte-americana I. Vivian, Siobhan.

II. Título

13-06054 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura norte-americana 813





Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha  
14095-260 - Ribeirão Preto - SP  
[www.editoranovoconceito.com.br](http://www.editoranovoconceito.com.br)

Para nossas avós Kyong Hui Han e Barbara Vivian.

## MARY

A neblina da manhã pintava tudo de branco. Era exatamente como num dos meus sonhos de toca de coelho, no qual fico encurralada, suspensa numa nuvem, e não consigo acordar.

Então a sirene de neblina toca, as nuvens se desfazem em rendas, e eu vejo a Ilha Jar, espalhada ao longo do horizonte tal como uma das pinturas de tia Bette.

É então que sei com certeza que consegui. Que estou de volta.

Um dos trabalhadores amarra a balsa no cais com uma corda grossa. Outro baixa a ponte. A voz do capitão vem pelo alto-falante.

— Bom dia, passageiros. Bem-vindos à Ilha Jar. Por favor, não se esqueçam de recolher todos os seus pertences.

Eu quase me esquecera de como aqui é bonito. O sol se ergue acima da água e ilumina tudo com sua luz amarela brilhante. Uma sugestão do meu reflexo na janela olha para mim: olhos claros, lábios separados, cabelo loiro, ondulado pelo vento. Não sou a mesma pessoa que era quando saí daqui, no sétimo ano. Estou mais velha, obviamente, mas não é só isso. Eu mudei. Quando olho para mim mesma agora, vejo uma pessoa forte. Talvez até bonita.

Será que ele me reconhecerá? Parte de mim espera que não. Mas outra parte, aquela que deixou minha família para retornar, espera que sim. Ele tem de me reconhecer. Senão, qual seria o sentido disso?

Escuto o barulho dos carros parados na balsa preparando-se para sair. Há mais carros em terra, numa longa fila que vai até a entrada do estacionamento, esperando para embarcar na viagem de volta ao continente. Ainda resta uma semana de férias na praia. Afasto-me da janela, aliso o vestido leve de algodão, decorado com muitas linhas finas, e volto para o assento para pegar as minhas coisas. O assento ao lado do meu está vazio. Passo a mão por debaixo dele, tateando atrás do que sei que está ali. As iniciais dele. RT. Lembro-me do dia em que ele as entalhou com seu canivete suíço só porque lhe deu vontade.

Fico imaginando se as coisas mudaram na ilha. Será que a Milky Morning ainda faz os melhores bolinhos de mirtilo? O cinema da Avenida Central ainda tem aqueles assentos de veludo verde cheios de calombos? Que tamanho terá agora o lilaseiro de nosso jardim?

É estranho me sentir como uma turista, porque os Zane moraram na Ilha Jar praticamente desde sempre. Meu tetravô projetou e construiu a biblioteca. Uma das tias de minha mãe foi a primeira mulher a ser eleita

vereadora de Middlebury. O jazigo da nossa família fica bem no centro do cemitério, no meio da ilha, e algumas das lápides, cobertas de musgo, são tão antigas que não dá para saber quem está sepultado ali.

A Ilha Jar é composta de quatro pequenas cidades. Thomastown, Middlebury, que é de onde eu venho, White Haven e Canobie Bluffs. Cada uma das cidades tem a sua própria escola primária, e depois todo mundo vai para a escola secundária da Ilha Jar. No verão, a população infla com os vários milhares de turistas. Mas apenas cerca de mil pessoas vivem aqui o resto do ano.

Minha mãe sempre diz que a Ilha Jar nunca muda. Ela é seu próprio pequeno universo. Tem algo aqui que faz as pessoas fingirem que o mundo parou de girar. Acho que isso é parte do charme do lugar e o motivo pelo qual as pessoas querem passar o verão aqui. Ou porque aqueles que resistem às mudanças enfrentam os problemas decorrentes de viver aqui o ano todo, da forma como a minha família costumava fazer.

As pessoas gostam de que não haja nenhuma loja grande, shopping center ou restaurante fast-food na Ilha Jar. Papai diz que há cerca de 200 leis diferentes que tornam ilegal construir essas coisas aqui. As pessoas fazem suas compras nos mercados locais, os remédios, compram nas pequenas farmácias, que também são lanchonetes, as revistas e livros, em livrarias independentes.

Outra coisa que torna a Ilha Jar especial é que é uma ilha de verdade. Não há pontes ou túneis conectando-a ao continente. Além do aeroporto de uma pista, que só os ricos usam com seus aviões particulares, todo mundo e tudo o mais têm de ir e vir nesta balsa.

Pego minhas malas e sigo o resto dos passageiros para fora. O caos vai dar direto numa área de recepção. Um velho ônibus escolar dos anos 1940 com a inscrição TOUR DA ILHA JAR está parado na frente, sendo lavado. Um quarteirão adiante fica a Avenida Central, uma sequência de lojas de suvenires e lanchonetes. Acima dela ergue-se a grande colina de Middlebury. Leva um segundo para eu encontrá-la, e tenho de proteger os olhos do sol, mas vislumbro o telhado vermelho inclinado da minha velha casa bem lá no alto.

Minha mãe cresceu naquela casa, junto com tia Bette. Meu quarto era o mesmo que fora de tia Bette, com vista para o mar. Fico imaginando se é onde ela dorme, agora que está morando ali novamente.

Sou sua única sobrinha, e ela não teve filhos. Ela nunca soube lidar com crianças, por isso me tratava como adulta. Eu gostava disso, fazia-

me sentir crescida. Quando pedia minha opinião sobre as pinturas que fazia, o que eu achava delas, tia Bette ouvia realmente o que eu dizia. Mas ela nunca foi o tipo de tia que se senta no chão e ajuda a montar um quebra-cabeça, ou com quem eu podia fazer biscoitos. E eu não precisava que ela fosse assim. Eu já tinha meu pai e minha mãe, que faziam essas coisas.

Acho que será ótimo morar com tia Bette, agora que estou mais velha. Meus pais me tratam como criança. O exemplo perfeito: ainda tenho de voltar para casa às dez, apesar de já ter 17 anos. Acho que depois de tudo o que aconteceu, faz sentido que sejam exageradamente protetores.

A caminhada até a casa é mais longa do que eu me lembrava, talvez por causa do peso das malas.

Mostro o polegar para os carros que passam de vez quando. Alguns dos locais dão carona na Ilha Jar. É algo aceito aqui, um modo de ajudar os vizinhos. Nunca tive permissão para pegar carona, mas pela primeira vez não tenho minha mãe e meu pai olhando por cima do meu ombro. Ninguém quer me dar carona, o que é uma droga, mas há sempre amanhã ou depois de amanhã. Tenho todo o tempo do mundo para pegar carona ou fazer o que quiser.

Sem perceber, passo direto pela entrada da minha casa e tenho de voltar. Os arbustos cresceram muito e esconderam a casa. Não estou surpresa. Cuidar do jardim era tarefa de minha mãe, não de tia Bette.

Arrasto as malas pelos últimos poucos metros e olho para a casa. É uma construção colonial de três andares, coberta de telhas cinza de cedro, com venezianas brancas em cada janela e um caminho de pedras pelo meio do jardim. O velho Volvo bege de tia Bette está estacionado à entrada, coberto por uma camada de pequenas flores roxas.

O lilaseiro. Ele está mais alto do que eu considerava possível. E, apesar de muitas flores terem caído, os galhos continuam inclinados com o peso de outros milhões delas. Respiro tão profundamente quanto posso.

É bom estar em casa.

## LILLIA

Estamos nesta época do ano de novo, final de agosto, só mais uma semana até as aulas começarem. A praia está lotada, mas não tanto quanto no feriado de 4 de Julho. Estou deitada sobre um grande blanket com Rennie e Alex. Reeve e PJ estão jogando frisbee, e Ashlin e Derek foram nadar no mar.

Essa é a nossa turma. Tem sido desde o nono ano. É difícil acreditar que finalmente estamos no último ano.

O sol está tão brilhante que posso sentir minha pele ficando ainda mais dourada. Ondulo o corpo para afundar mais na areia. Adoro o sol. Ao meu lado, Alex está passando mais protetor solar nos ombros.

— Droga, Alex! — diz Rennie, erguendo os olhos da revista. — Você precisa trazer seu próprio protetor solar. Você usou metade do meu. Da próxima vez, vou deixá-lo pegar um câncer.

— Você está brincando? — responde Alex. — Você roubou este aqui da piscina da minha casa.

Ajude aqui, vamos, Lil.

Eu me sento apoiando-me num dos cotovelos.

— Você esqueceu um lugar aqui no ombro. Aqui, dê meia-volta.

Curvo-me na direção dele e passo um tanto de protetor solar no ombro. Alex se vira e pergunta:

— Lillia, que tipo de perfume você usa?

Eu dou risada.

— Por quê? Você quer emprestado? — Eu adoro provocar Alex Lind. É tão fácil.

Ele também ri.

— Não, só estou curioso.

— É segredo — digo-lhe, dando tapinhas nas costas dele.

É importante para uma garota ter um cheiro só seu. Um cheiro que todo mundo reconhece como sendo dela, assim quando passo no corredor da escola as pessoas param e se viram, como uma resposta pavloviana ou algo assim. Toda vez que sentirem o odor desse perfume vão pensar em mim.

Caramelo e jacinto, esse é o cheiro de Lillia.

Deitei novamente no cobertor e me virei de bruços.

— Estou com sede — anuncio. — Você pode passar a minha Coca,

Lindy?

Alex se inclina e procura na caixa térmica.

— Tudo que tem aqui é água e cerveja.

Torço o nariz e olho para Reeve. Ele está com o frisbee numa das mãos, e minha Coca na outra.

— Ree-ve! — grito. — Essa Coca é minha!

— Desculpe — responde ele, nem um pouco arrependido. Ele lança o frisbee num arco perfeito, e este vai cair perto de umas garotas bonitas sentadas em cadeiras de praia. Exatamente onde ele queria que caísse, tenho certeza.

Viro-me para Rennie, que está com os olhos apertados.

Alex levanta e bate a areia do short.

— Eu vou pegar outro refrigerante para você.

— Não precisa ir — digo-lhe. Mas claro que não estou falando sério. Estou mesmo com sede.

— Você vai sentir falta de mim quando eu não estiver mais aqui para pegar bebidas para você — diz-me, sorrindo. Alex, Reeve e PJ vão sair numa pescaria amanhã. E vão ficar fora a semana toda.

Os garotos estão sempre por aqui; nós os vemos praticamente todo dia. Vai ser estranho terminar o verão sem eles.

Mostro a língua para ele.

— Não vou sentir sua falta nem um pouquinho!

Alex corre até Reeve, e ambos caminham até a banquinha de cachorro-quente, mais adiante na praia.

— Obrigada, Lindy! — grito. Ele é tão bonzinho comigo.

Olho novamente para Rennie, que está sorrindo.

— Esse cara faria qualquer coisa por você, Lil.

— Pare com isso.

— Sim ou não. Você acha Lindy bonito? Seja honesta.

Eu nem tenho de pensar a respeito.

— Sim, ele é obviamente bonito. Só não é o cara certo para mim. — Rennie enfiou na cabeça que Alex e eu devíamos ser um casal, e daí ela e Reeve poderiam ser um casal, e nós sairíamos juntos os quatro em encontros e viagens de fim de semana. Como se meus pais fossem um dia me deixar viajar com rapazes! Rennie pode ir adiante e ficar com Reeve se ela quiser, mas Alex e eu não vamos acontecer. Eu não o vejo

dessa forma, e ele não me vê dessa forma. Somos amigos. E só. Rennie me lança um olhar daqueles, mas felizmente não insiste no assunto. Erguendo a revista, ela pergunta:

— O que você acha se eu fizer meu cabelo assim para o homecoming <sup>[1]</sup>? — É uma foto de uma garota num vestido prateado brilhante, o cabelo loiro flutuando atrás dela como uma capa.

— Ren, o homecoming é só em outubro! — respondo, rindo.

— Exatamente! Só falta um mês e meio — ela agita a revista para mim. — Então, o que você acha?

Acho que ela está certa. Provavelmente devemos começar a pensar no vestido. Eu não vou de jeito nenhum comprar o meu numa das butikues da ilha, não quando há 90% de chance de alguma outra garota aparecer vestida igual. Dou uma olhada mais atenta na foto.

— É bonito! Mas duvido que vá ter uma máquina de vento lá. Rennie estala os dedos.

— Sim! Uma máquina de vento! Grande ideia, Lil.

Dou risada. Se é o que ela quer, é o que ela terá. Ninguém jamais diz não a Rennie Holtz.

Estamos debatendo os possíveis visuais para o homecoming quando dois caras param em nosso cobertor. Um deles é alto e usa corte militar, e o outro é mais baixo e encorpado, com bíceps largos.

Os dois são bonitos, mas o mais baixo é mais bonito. Eles são definitivamente mais velhos do que nós, com certeza não estão no ensino médio.

Subitamente fico feliz por estar usando meu novo biquíni preto em vez do cor-de-rosa com bolinhas brancas.

— Vocês têm um abridor de garrafa? — pergunta o mais alto.

Faço que não com a cabeça.

— Você talvez possa pegar um emprestado ali na barraquinha.

— Qual a idade de vocês? — pergunta o mais forte.

Posso ver que Rennie gostou dele, pela forma como joga o cabelo para o lado antes de dizer:

— Por que você quer saber?

— Quero ter certeza de que não há problema em falar com vocês — diz ele, sorrindo. Ele está olhando para ela agora. — Legalmente falando.

Ela dá uma risadinha, mas de uma forma que a faz parecer mais



velha, e não uma garotinha.

— Somos legais. Por pouco. Qual a idade de vocês?

— Vinte e um — diz o mais alto, olhando para mim. — Estamos no último ano da UMass<sup>[2]</sup>.

passando a semana aqui.

Ajusto a parte de cima do biquíni para não mostrar demais. Rennie acaba de fazer 18, mas eu ainda tenho 17.

— Alugamos uma casa na Shore Road, em Canobie Bluffs. Você deviam passar lá uma hora dessas. — O mais forte senta-se ao lado de Rennie. — Diga seu número.

— Peça com gentileza — responde Rennie, toda melosa. — E talvez eu possa pensar a respeito.

O mais alto senta-se ao meu lado, na beirada do cobertor

— Eu sou Mike.

— Lillia — digo-lhe. Por cima do ombro dele vejo os rapazes voltando. Alex está trazendo a Coca para mim. Estão olhando para nós, provavelmente imaginando quem são esses sujeitos. Nossos amigos podem ser superprotetores quando a questão são rapazes de fora da ilha.

Alex faz cara feia e diz algo a Reeve. Rennie também os vê, ela começa a rir mais alto e a jogar o cabelo para o lado.

Mike, o mais alto, me pergunta:

— Esses caras são seus namorados?

— Não — respondo. Ele está me olhando com tanta intensidade que fico vermelha.

— Que bom — diz ele, sorrindo para mim.

Ele tem dentes realmente bonitos.

KAT

É o começo de uma noite perfeita de verão, do tipo em que todas as estrelas estão visíveis e não é preciso usar pulôver, mesmo perto da água. O que é ótimo, porque deixei o meu em casa. Desabei quando cheguei em casa do trabalho, dormi direto até depois do jantar. Quando acordei, tinha cerca de cinco minutos para pegar a próxima balsa para o continente, então joguei as roupas que estavam no chão na sacola, despedi-me do meu pai com um toca aqui e corri o trajeto inteiro desde T-Town até o cais de Middlebury. Sei que esqueci várias coisas, mas Kim me deixará escolher no armário dela, então não tem problema.

A Avenida Central está lotada. Não tem quase nenhuma loja aberta a essa hora, mas isso não importa. Os turistas ficam andando sem rumo, parando nas vitrines para ver as porcarias de camisetas e visores da Ilha Jar

Odeio agosto.

Estou resfolegando quando passo por eles e abro caminho até o Java Jones. Se quero estar acordada para o bis do Puppy Ciao, vou precisar de cafeína.

O Puppy Ciao está tocando na loja de música onde Kim trabalha, um lugar chamado Paul's Boutique, no continente. A Paul's Boutique tem o espaço de uma garagem ao lado onde se fazem shows, e, se é uma banda que eu quero ver, Kim me deixa passar a noite no apartamento dela. Ela mora em cima da loja. A banda geralmente termina lá também, o que é ótimo. O vocalista da Puppy Ciao parecia muito atraente na capa do disco deles. Não tanto quanto o baterista, mas Kim diz que bateristas significam problemas.

Subo os degraus até o Java Jones de dois em dois. Mas, quando estou para empurrar a porta, um dos funcionários a tranca.

Bato no vidro.

— Sei que vocês estão fechando, mas você podia me dar um tripro para viagem?

O empregado me ignora, desamarra o avental e desliga o luminoso. A entrada fica escura. Percebo que devo estar parecendo uma das turistas riquinhas da Ilha Jar que acha que os horários das lojas não se aplicam a elas, o tipo de esnobe com que tenho de lidar o dia inteiro na marina. Então jogo meu cigarro pela metade na sarjeta, enfio as mãos nos bolsos da calça de cintura bem baixa e grito em tom de desespero:

— Por favor! Eu moro aqui!

Ele se vira e olha como se eu fosse uma tremenda dor de cabeça, mas então a expressão suaviza.

— Kat DeBrassio?

— Sim? — Aperto os olhos. Ele me parece familiar, mas não consigo reconhecê-lo.

O cara destranca a porta e a abre.

— Eu costumava fazer corridas de bicicleta com seu irmão. — Ele segura a porta aberta para mim.

— Cuidado. O chão está molhado. E diga a Pat que eu mandei um alô.

Concordo e caminho na ponta dos pés com minhas botas de motociclista, passando por outro funcionário que está esfregando o chão. Coloco minha sacola no balcão enquanto o rapaz prepara meu café. É então que percebo que o Java Jones não está completamente vazio. Tem um último cliente ainda ali.

Alex Lind está sentado sozinho numa das mesas do fundo, curvado sobre um caderninho. Acho que é seu diário ou algo assim. Peguei-o escrevendo em segredo algumas vezes, quando achava que ninguém tivesse notado. Ele nunca me mostrou o que escreve. Talvez tenha achado que eu ia fazer piada do que quer que fosse.

A verdade é que eu provavelmente faria mesmo. Andar juntos por algumas semanas não bastou para nos tornar amigos de verdade.

Não vou interrompê-lo. Vou pegar meu café e sair. Mas então seu lápis para no meio da página.

Alex morde o lábio inferior, fecha os olhos e pensa por um segundo. Ele parece um menininho se concentrando nas orações noturnas, todo vulnerável e doce.

Vou sentir falta dele.

Passo os dedos pela minha franja e chamo.

— Ei, Lind.

Ele abre os olhos, surpreso. Desliza o caderninho rapidamente para o bolso interno e vem até onde estou.

— Ei, Kat. O que está rolando?

Viro os olhos para o alto.

— Vou até Kim ver uma banda. Lembra?

Contei a ele não faz cinco horas, quando passou pela marina na minha hora de almoço. Foi assim que começamos a andar juntos.

Encontramo-nos no iate clube em junho. Eu já sabia quem ele era, claro. Não é que nossa escola fosse imensa, mas nunca tínhamos conversado antes. Acho que só trocamos algumas palavras na aula de artes duas vezes no ano passado. Andamos em turmas diferentes.

Alex apareceu um dia com uma lancha nova. Quando tentou sair com ela, o motor morreu.

Eu o tirei do assento do piloto e lhe dei uma aula rápida. Alex ficou impressionado com o modo como lidei com o barco. Algumas vezes, quando acelerei de verdade, eu o vi se segurar na beirada, o nó dos dedos branco. Foi tipo bonitinho.

Estava esperando que ele fosse ficar comigo hoje até o fim do meu turno, para o trabalho ser menos aborrecido. E porque eu sabia que ele sairia amanhã para uma viagem de pescaria. Mas Alex me largou lá para ir encontrar os amigos na praia. Seus amigos de verdade.

— Sim — diz Alex, assentindo com a cabeça. — É isso mesmo. — Então ele se inclina e apoia os cotovelos no balcão. — Ei, diga a Kim que estou agradecendo novamente por ela ter me deixado ficar lá, está bem?

Levei Alex para ver a Army of None tocar na loja de discos em julho. Ele nunca ouvira falar da banda antes de nos conhecermos, mas agora é seu grupo favorito. Fiquei embaraçada quando vi Alex usando uma camisa polo do clube da Ilha Jar, short largo e chinelos de dedo. Kim me deu uma olhada daquelas quando entramos, por ele estar vestido de forma tão despojada. Alex comprou uma das camisetas do grupo e a vestiu na mesma hora. Pessoas que vestem camisetas da banda a que vão assistir são terríveis, mas ainda assim foi melhor do que aquela camisa polo. Assim que o show começou, Alex se integrou sem problemas, balançando a cabeça e acompanhando a música como todo o resto do pessoal. E ele foi muito educado no apartamento de Kim. Antes de entrar no saco de dormir, recolheu as garrafas vazias de cerveja e as colocou lá fora para reciclagem.

— Você quer ir comigo? Não tem mais ingressos, mas dou um jeito de você entrar

— Não posso — disse ele, com um grande suspiro. — Tio Tim quer sair de madrugada.

O tio Tim é um daqueles eternos solteirões com uma calvície em andamento. Ele não tem família nem nenhuma responsabilidade de verdade, então seu dinheiro é gasto com brinquedos, como o novo iate em que ele, Alex e os amigos de Alex irão para essa viagem de pescaria só para rapazes.

Dou de ombros.

— Bem, então, acho que é adeus de verdade. — Bato continência como um marinheiro. — Faça uma boa viagem — digo, sarcástica, porque não estou falando sério. Eu queria que ele não fosse.

Sem Alex indo me visitar no trabalho, esta semana vai ser realmente terrível.

Ele se endireita.

— Posso lhe dar uma carona até a balsa.

— Não se preocupe com isso.

Começo a sair, mas ele segura a alça da minha sacola e a tira do meu ombro. — Eu quero levá-la, Kat.

— Então está bem. Que seja.

Enquanto ele dirige até a balsa, Alex fica me fitando com o canto do olho. Não sei por que isso me faz sentir estranha, mas é o que acontece. Olho pela janela, para ele não poder ver meu rosto, e digo:

— O que há com você?

Ele solta um suspiro.

— Eu não posso acreditar que o verão já acabou. Eu não sei, sinto que desperdicei este verão.

— Talvez você o tenha desperdiçado com seus amigos perdedores. Não ficando comigo — digo, antes de conseguir me deter. E depois me odeio por ter falado como se me importasse.

Geralmente Alex defende os amigos quando faço piada sobre eles, mas dessa vez ele não diz nada.

Pelo resto do caminho, fico pensando no que acontecerá quando a escola começar, se Alex e eu ainda seremos amigos. Claro, ficamos juntos por algum tempo neste verão, mas não sei se quero me associar a ele na escola. Em público.

Alex e eu... funcionamos melhor assim, quando somos só nós dois.

Alex entra no estacionamento da balsa. Antes de conseguir parar, tomo uma decisão súbita.

— Eu posso não ir ao show se você quiser ficar comigo esta noite — digo. Eu não sou uma tiete do Puppy Ciao. Além disso, eles decerto vão tocar lá novamente. Mas eu e Alex? Essa pode ser nossa última oportunidade. Nossa última noite. E penso que, em algum nível, nós dois sabemos disso.

Alex sorri.

— Sério? Você vai ficar comigo?

Abro a janela e acendo um cigarro para esconder o fato de que também estou sorrindo.

— Sim, por que não? Quero ver esse iate de Riquinho Rico pessoalmente.

E é para lá que Alex nos leva. Vamos até a mansão do seu tio Tim, onde a coisa está ancorada.

Enquanto caminhamos na direção do barco, logo começo a fazer piada sobre como ele é espalhafatoso, mas o que estou pensando é, caramba. Esse iate é maior do que a minha casa. É definitivamente o barco mais incrível que já vi. Melhor do que qualquer outro na marina.

Alex sobe a bordo primeiro, e vou logo atrás. Ele me mostra tudo rapidamente, é ainda mais luxuoso por dentro. Mármore italiano e uma centena de televisões de tela plana, e uma adega cheia de garrafas de vinho da Itália, França, África do Sul.

Penso em Rennie. Ela adoraria ver este lugar.

Com a mesma velocidade, afasto a imagem dela de minha mente. Atualmente isso quase não acontece mais, mas odeio quando ocorre.

Estou tentando entender como funciona o estêreo quando Alex vem por trás de mim. Bem atrás de mim. Ele afasta meu cabelo para um lado.

— Kat?

Eu congelo. Seus lábios tocam meu pescoço. Ele segura meu quadril e me puxa contra seu corpo.

Ele não é meu tipo. De jeito nenhum.

É por isso que é tão maluco. Porque assim que viro a cabeça estamos nos beijando. E eu subitamente sinto como se tivesse esperado o verão inteiro por isso.

UMA  
SEMANA  
MAIS  
TARDE

## Capítulo 1 - LILLIA

LILLIA

Estou sentada no balcão do meu banheiro, tentando lembrar o que a moça do setor de maquiagem da Saks disse sobre como aplicar delineador em olhos asiáticos. Só que... não consigo lembrar direito.

Acho que ela disse para exagerar o canto só um pouquinho. Faço o olho direito primeiro, e parece que está bom. Estou terminando o esquerdo quando minha irmãzinha, Nadia, bate na porta com tanta força que dou um pulo.

— Lil! Preciso tomar banho! — grita ela. — Lilliiii!

Pego a escova de cabelos e depois destranco a porta. Nadia entra correndo e abre o chuveiro. Ela se senta na borda da banheira, com sua imensa camiseta de futebol e o cabelo negro brilhante preso num coque, e fica me olhando pentear o cabelo.

— Você está bonita — diz ele, a voz rouca por causa do sono.

Estou? Pelo menos o lado de fora continua o mesmo.

Continuo penteando. Vinte e três, 24, 25, pronto. Escovo o cabelo 25 vezes toda manhã. Faço isso desde que era pequena.

Hoje vai ser como qualquer outro dia.

— Mas eu achei que não se usava branco depois do Dia do Trabalho — acrescenta Nadia.

Olho para meu suéter. É novo, de caxemira branca, macio e justo. Estou usando também meu short branco curto.

— Ninguém segue mais essa regra — digo-lhe, enquanto desço do balcão. — Além do mais, isso é branco inverno. — Bato no traseiro dela com a escova. — Tome seu banho depressa.

— Tenho tempo de enrolar o cabelo antes de Rennie chegar? — pergunta-me.

— Não — digo, fechando a porta ao sair — Cinco minutos.

De volta ao meu quarto, começo a encher a sacola marrom com as coisas de escola, acionando o piloto automático. Minha caneta nova e a agenda com capa de couro que minha mãe me deu de presente de volta às aulas. Pirulitos. Protetor labial sabor cereja. Tento lembrar se estou esquecendo alguma coisa, mas não me lembro de mais nada, por isso pego as sapatilhas brancas e desço a escada.

Minha mãe está na cozinha, vestida num robe, tomando um expresso. Meu pai lhe comprou uma dessas máquinas chiques de café



expresso no Natal, e ela faz questão de usá-la pelo menos uma vez por semana, mesmo preferindo chá e apesar de meu pai raramente estar em casa para vê-la usar a máquina. Ele é médico, do tipo que faz pesquisa. Desde que me lembro, ele sempre trabalhou em alguma nova droga para curar o câncer. Passa parte do mês num laboratório em Boston, e é enviado a toda parte do mundo para apresentar suas descobertas. Ele apareceu na capa de uma revista de ciências neste verão. Esqueci o nome dela.

Apontando o prato de muffins, minha mãe diz:

— Sente-se e coma antes de sair, Lilli. Fiz daqueles com mais açúcar que você adora.

— Rennie vai chegar a qualquer minuto — digo-lhe. Quando vejo o desapontamento em seu rosto, pego um muffin e o embrulho num guardanapo. — Vou comer no carro.

Toçando meu cabelo, ela diz:

— Não posso acreditar que você está no último ano do colégio. Mais um ano, e você vai para a faculdade. Minha garotinha linda está crescida.

Desvio os olhos. Acho que agora estou mesmo crescida.

— Pelo menos ainda tenho meu bebê. Nadi está se apressando?

Faço que sim com a cabeça.

— Você tem de cuidar de Nadi agora que estarão na mesma escola. Você sabe como ela a admira, Lilli. — Minha mãe aperta meu braço, e eu engulo em seco. Preciso mesmo cuidar melhor de Nadia.

Não como fiz na noite de sábado, quando a deixei na festa de Alex. Ela estava com as amigas, mas mesmo assim...

Eu devia ter ficado lá.

A buzina do carro de Rennie toca lá fora, e eu levanto.

— Nadia! — grito. — Rennie está aqui!

— Só mais um minuto! — berra Nadia de volta.

Abraço minha mãe e vou para a porta da garagem.

— Leve um muffin para Rennie — diz ela, assim que fecho a porta atrás de mim. Rennie não ia querer. Ela fica longe dos carboidratos em todo início de temporada de animação de torcida. Mas ela só aguenta um mês antes de ceder.

Na garagem, calço as sapatilhas e então desço pelo acesso de carros até o Jeep de Rennie.

— Nadia está vindo — digo a ela enquanto entro no carro.

Rennie se inclina e me abraça. Abrace-a também, digo a mim mesma. É o que faço.

— Sua pele fica fantástica nesta roupa branca — comenta, olhando-me de cima a baixo. — Eu gostaria de ficar tão bronzada quanto você.

Rennie está vestindo jeans justos e um top com gola de renda ainda mais justo, com uma camiseta de alça por baixo. É tão magra que posso ver suas costelas. Acho que não está usando sutiã. Ela não precisa. Tem corpo de ginasta.

— Você também está bem bronzada — digo, colocando o cinto de segurança.

— Foi o bronzador, meu bem. — Ela coloca os óculos escuros e começa a falar sem parar. — Então, o que estou pensando para a próxima festa. Sonhei com isso esta noite. O tema vai ser... você está preparada? Os anos vinte! As garotas podem vestir coisas incríveis, como um chapéu com plumas e longos colares, e os rapazes podem usar paletós de cintura marcada e calças largas, e chapéus Fedora. Boa ideia, não é?

— Não sei — digo-lhe, olhando pela janela. Rennie está falando tanto e tão rápido que faz minha cabeça doer. — Os meninos podem não gostar. Onde eles vão achar coisas assim aqui na ilha?

— Alô-ô, tem uma coisa chamada Internet! — rebate Rennie, com os dedos na direção. — Por que Nadia está demorando tanto? Quero chegar lá antes de todo mundo para pegar um bom lugar no estacionamento para o ano todo. — Ela aperta a buzina uma, duas vezes.

— Pare — digo-lhe. — Você vai acordar os vizinhos.

— Ah, por favor. O vizinho mais próximo fica a meio quilômetro rua abaixo.

A porta da frente se abre, e Nadia vem descendo a escada correndo. Ela parece pequena contra a imensa casa branca. É uma casa diferente das outras na ilha, com linhas modernas e muito vidro.

Minha mãe ajudou a projetá-la. Era originariamente nossa casa de veraneio, mas então mudamos para a Ilha Jar antes de eu entrar para a escola secundária. Fui eu que implorei para mudarmos, para ficar com Rennie e meus amigos de verão.

Minha mãe acena da porta da frente. Aceno de volta.

— Então, você diz sim ou não para festa dos anos vinte? — pergunta-me Rennie.

Eu honestamente não dou a mínima, mas sei que minha resposta é importante para ela, e é por isso que estou inclinada a dizer não.

Mas, antes que eu o faça, Nadia chega ao carro, com o cabelo todo molhado. Ela está usando os jeans novos e o top preto que nós três escolhemos juntas quando fomos fazer compras em julho. Isso parece ter acontecido há séculos.

Ela sobe no assento de trás. Eu me viro e digo:

— Você devia ter secado o cabelo, Nadi. Você sabe que sempre fica resfriada quando sai com o cabelo molhado.

Sem fôlego, ela responde:

— Eu estava com medo de vocês irem embora sem mim.

— Nós não íamos deixar você! — grita Rennie, virando a direção. — Somos suas irmãs mais velhas. Vamos sempre cuidar de você, garota.

Um comentário sarcástico está na ponta da língua, e engulo com força para impedir que ele saia.

Se eu falar, nunca mais seremos as mesmas novamente. Seria ainda pior do que agora.

Seguimos pela entrada circular e descemos a rua.

— O treino das animadoras de torcida é às quatro — diz Rennie para mim, balançando no assento ao ritmo da música. — Não se atrase. Precisamos avaliar a carne nova. Ver o que temos para trabalhar. Você se lembrou de trazer sua minifilmadora para podermos filmá-las?

Abro a sacola e procuro, apesar de já saber que não está ali.

— Esqueci.

— Lil! Eu quero avaliar as meninas mais tarde em alta definição — diz ela, e solta um suspiro de desânimo, desapontada comigo.

Encolho os ombros.

— Vamos lidar com a situação. — É isso que estamos fazendo agora mesmo, não é? Lidando com a situação? Mas Rennie claramente é melhor nisso do que eu.

— Nadi, quem é a mais bonita de todas as suas amigas? — pergunta Rennie.

— Patrice — responde Nadia.

Rennie vira à esquerda, e passamos pelas pequenas casas de aluguel que estão por toda a Canobie Bluffs. Presto atenção a uma em particular. O administrador está do lado de fora fechando a casa depois do verão, agora que está vazia. Acho que é o pai de Reeve. Ele está martelando a cobertura nas janelas de baixo. Ele ainda não chegou à janela do quarto principal. Essas janelas ainda estão completamente abertas.

Desvio o olhar e, com o canto dos olhos, observo Rennie. Só para ver se ela notou também. Mas não há nada ali, nenhum reconhecimento, alarme, nada.

— Nadi, você é muito mais bonita que Patrice. Só para você ficar sabendo, só vou aceitar as melhores das melhores para o nosso grupo — diz Rennie. — Se houver alguém de quem você queira ser a animadora, é só falar, que eu acerto tudo.

Nadia respondeu de imediato.

— Alex. Eu posso ficar com Alex?

Rennie solta uma exclamação.

— Ó! É melhor você perguntar à sua irmã. Ele é o brinquedinho dela.

— Rennie, pare com isso. — Falo com mais força do que queria, e ela faz uma careta para Nadia pelo retrovisor. Respiro fundo. — Nadia, há uma fila gigantesca de garotas calouras e veteranas na sua frente querendo Alex. Não podemos mostrar favoritismo desse jeito. Quer dizer, o que iriam pensar se déssemos um formando a uma primeiranista? Além do mais, você ainda tem de passar no teste. Ainda não montamos a equipe.

Diante disso, Rennie assentiu com a cabeça.

— Lil está certa. Quer dizer, você basicamente está dentro, mas temos de tratar você da mesma forma que tratamos as outras. Apesar de você ser claramente especial. — Nadia se contorce no assento como um cachorrinho feliz. — Ah, e não se esqueça de dizer a suas amigas que, se atrasarem um minuto sequer, serão mandadas para casa. E ponto final. Como capitã, tenho de zelar pela ordem nesta temporada.

— Entendi — responde Nadia.

— Boa garota. Você vai ser a estrela das iniciantes.

Sinto que estou flutuando acima de mim mesma quando digo:

— Ela precisa trabalhar o giro de costas. Está fraco.

Ninguém diz nada.

Puxo minha viseira para baixo e olho para Nadia. Os cantos da boca estão virados para baixo, os olhos escuros com uma expressão magoada.

Por que foi que eu disse isso?

Sei bem o quanto ela quer entrar para a equipe. Praticamos o verão todo, giros de costas e estrelas e todos os nossos movimentos. Eu disse a Nadia que, quando Rennie se formasse, ela estaria no alto da pirâmide. Disse também que ela estava pronta para a escola secundária da Ilha Jar

Assim como sua irmã mais velha.

Mas agora não tenho tanta certeza se quero que ela seja como eu ou Rennie. Não mais.